Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

N.º 12 ◆ JANEIRO/FEVEREIRO ◆ 1991

BIENAL DE TURIM

UM ACTO DE BRINCAR

"O PAPEL DO JOGO NA TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO" MOSTROU, EM TURIM, UM POUCO DE NÓS — E COMO É IMPORTANTE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA O BRINCAR A SÉRIO.

PÁG. 3

DA CRIANÇA E DA GUERRA E DA PAZ

AS PALAVRAS DE MATILDE ROSA ARAÚJO

PÁG. 2

OS VALORES NA APRENDIZAGEM

UM ARTIGO DE JOSÉ DE ALMEIDA FERNANDES

PÁG. 4

EDITORIAL

A CASA DA MEMÓRIA

NO Largo da Memória, situado na freguesia da Ajuda, mesmo junto à belíssima Igreja da Memória, assim chamada por ter sido mandada erigir em 1760 em memória do atentado contra D. José, ergue-se, isolada num grande espaço envolvente, uma construção considerada de traça pré-pombalina.

Este raro edifício de que se desconhece datação e o uso que dele foi feito ao longo dos tempos, conseguiu chegar até à última década do século XX intacto no seu traçado exterior. Pertença da Câmara Municipal de Lisboa, foi por esta cedido ao IAC para instalação da sua sede.

Por se tratar de um edifício "especial", já pela sua idade, já pelas características da sua construção — parece ter sido uma casa rural —, a sua recuperação é objecto de grande preocupação para salvaguardar o traçado exterior do edifício e para adequar a organização do espaço interior às necessidades do IAC. O trabalho de reconstrução está a ser executado, em regime de colaboração, com grande rigor e competência, pelo Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil (CENFIC).

Mas o IAC está em pleno crescimento e, por certo, a Casa da Memória não vai ser suficiente para albergar todos os projectos que se perfilam no horizonte de quem tem por objectivo dar à criança aquilo a que ela tem direito e que a cidade ainda não possui, como sejam espaços lúdico-pedagógicos: ludoteca piloto, museu da criança, parque de aventuras, centro de documentação, biblioteca infanto-juvenil, que se podem erguer no referido espaço envolvente se a CIDADE o quiser.

Que a CIDADE se empenhe nesta obra e que

BOLETIM IAC
Nº 12
JANEIRO/FEVEREIRO
1991

coordenação
Grupo Técnico das Publicações do IAC
edição
Instituto de Apoio à Criança
Av. de Berna, 56-3.º
1000 Lisboa
concepção gráfica e produção
Joana Imaginário
fotocomposição e impressão
Guide-Artes Gráficas
Depósito Legal
Nº 44475/91
tiragem
3000 ex.
Assinatura anual
1000$00

JAZ MORTO E APODRECE O MENINO DE SUA MÃE

SE *queres a paz, prepara a guerra*: será este aforismo um conselho de razão?

Porque não aprendemos ainda a paz?

Abramos um dicionário (*Novo Dicionário Aurélio*) e procuremos os dois vocábulos — *guerra* e *paz*.

As linhas dedicadas à paz são poucas, temos relevadas as expressões: *paz podre, fazer as pazes, jogar à paz, paz-de-alma, pax vobis*. Para a guerra surge-nos quase uma coluna inteira com as expressões seguintes: *guerra atómica, bacteriológica, biológica, convencional, de extermínio, de morte, de movimento,*

MENINOS

Meninos pequenos com carinhas de Primavera. São quatro e brincam numa rua estreita e sem saída deste bairro-aldeia onde alguns jornais ainda moram. Vêm da escola e trazem consigo a alegria ruidosa dos presos recém-libertados.

Pessoazinhas de olhar transparente, dentinhos brancos, pele de seda.

o que eles nunca foram, nem fizeram, nem conseguiram. Crianças assim. Quantas na cidade, no País, nos países?

Entretanto, os homens importantes do mundo, as grandes cabeças, trabalham incessantemente para os receber de um modo condigno, com a riqueza incalculável da poluição, da fome,

de nervos, de posição, de trincheira, económica, fria, global, intestina, limitada, localizada, nuclear, psicológica, química, relâmpago, revolucionária, santa, sem quartel, de extermínio. Duas dúzias, é só escolher. E com tanta pena haver por onde escolher neste campo...

Este dicionário abre as suas páginas com uma "Ode ao Dicionário" de Pablo Neruda: "Diccionario, no eres / tumba, sepulcro, féretro, / túmulo, mausoleo, / sino preservación, / fuego escondido, / plantación de rubíes, / perpetuidad viviente / de la esencia, / granero del idioma".

Diremos: radar para o futuro, gravação do passado, utensílio do presente. Aprendemos muitas guerras para querer a paz. Mas não amámos suficientemente a paz. Deixámo-la ficar desarmada do amor: e, contudo, sempre tivemos a infância ao nosso lado como grande mestra.

Mais fecundas que todas estas palavras, aqui, esta pequena crónica da grande escritora dos nossos dias Maria Judite Carvalho, recorte do jornal *A Capital*. Como tecido precioso de uma branca bandeira. Palavras que não são fogo escondido do celeiro do idioma.

MATILDE ROSA ARAÚJO

a sabê-lo algum dia? Há gente que passa pela vida sem ver, sem ouvir. Como será a passagem deles? Entretanto riem e brincam. Aqueles quatro.

Vou andando e vou os esquecendo. Como acontece com todos os adultos deste mundo (à beira do abismo dos mundos), envolvidos embora contra vontade e sem se dar conta, por simples omissão, por mera distracção, no crime.

Maria Judite Carvalho
"Crónica", in *A Capital*

BIENAL DE TURIM

A TRADIÇÃO RENOVÁVEL

A CRIANÇA NO CENTRO DO BRINCAR

OS Jogos Tradicionais constituem uma actividade extraordinariamente rica, uma vez que contribuem para o desenvolvimento do ser humano e podem ser um meio educativo.

Foi dentro da linha de entendimento de que brincar é natural e de que há uma relação próxima com o brinquedo tradicional que Portugal, com o IAC, esteve na Bienal de Turim.

Ao salientar que o dinamisno lúdico e a carga afectiva contribuem para a integração no grupo, para a aquisição de uma certa disponibilidade corporal, compreensão do tempo, enriquecimento da linguagem oral e formação da personalidade, a ponte para os jogos tradicionais tomou forma — através de uma intervenção que abarca o acto lúdico, o desevolvimento da criança, o brincar a sério.

Os jogos tradicionais são, de resto, os jogos dos pais e dos avós, e através deles atinge-se a dimensão total do acto lúdico.

A PRESENÇA PORTUGUESA

Com a participação de vários países — Áustria, Bélgica, Bulgária, França, Jugoslávia, Países Baixos, Portugal, Espanha e Suíça —, em diversas áreas, a esta bienal terá correspondido um esforço para aproximar cada representação do jogo mais das suas tradições.

A exposição do pavilhão de Portugal "O Papel do Jogo — Tradição e Renovação" mostrou um pouco de nós. O que se tornou possível graças ao material fornecido por um conjunto de entidades cuja referência registamos, com a ressalva de eventual omissão: Museu do Jogo-Faculdade de Motricidade; Centro de Animação Sócio-Educativo da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo; Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Artístico Infantil; Oficina de Crianças da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo; Colectividade Cultural de Santa Catarina; Associação Portuguesa de Museologia.

A animação para crianças foi um espaço de características lúdicas com significativos resultados, tanto para crianças como para adultos.

Procurámos, afinal, sensibilizar para que haja espaços onde o jogo possa assumir um carácter multidimensional e utilizar objectos que permitam formas dinâmicas de identificação e a escolha de acções que respeitem valores, sentimentos e significados culturais contidos na magia envolvente do Acto de Brincar.

Continuar a Bienal de Turim foi desde logo um objectivo do IAC, porque sabemos que a tradição no brinquedo, como no brincar, fazem recordar aos adultos a criança que foram. Apetece dar às crianças de hoje o brinquedo de sempre, porque a tradição é renovável.

OS «VALORES» NA APRENDIZAGEM

JOSÉ DE ALMEIDA FERNANDES

A CRIANÇA — UM SER ÁVIDO DE APRENDER E PARA QUEM A APRENDIZAGEM É TÃO IMPORTANTE COMO A ALIMENTAÇÃO — APRENDE FACILMENTE O SENTIDO DA UNIÃO SOLIDÁRIA. NÃO LHE ENSINEMOS O MUNDO COMO OBRA ACABADA, MAS COMO UMA CONSTRUÇÃO QUE TODOS TEMOS DE CONTINUAR.

O ambiente é o conjunto de tudo o que envolve o Homem, incluindo o próprio Homem. Sujeito e produto do seu ambiente, no decorrer da sua existência sobre a Terra, o Homem transformou e adaptou a natureza envolvente, ao mesmo tempo que se adaptou às modificações que nela foi introduzindo.

Cada criança, que exprime uma das fases do crescimento do indivíduo, representa em relação ao Ambiente qualquer coisa de novo, uma esperança de renovação na continuidade evolutiva, mas é sempre uma esperança.

As inter-relações da Humanidade e do Ambiente processaram-se sempre, através da História, numa dependência permanente, quer dos modelos de produção e de consumo que se foram criando, quer dos padrões de vida escolhidos pelas sociedades para satisfazer as suas necessidades básicas, ou artificialmente criadas, pelos seus membros. Este é um ponto de vista menos habitual de encarar as relações existentes entre o Homem e o seu Ambiente, dado que quase sempre que se referem aquelas relações as reduzimos aos problemas ou aspectos restritos como os da poluição ou da conservação (protecção) da natureza. É como colocar o Homem fora do ambiente na sua qualidade de ser superior e alheio às misérias da matéria bruta.

O conceito de Ambiente é hoje, muito mais concreto, se bem que não tenha perdido o seu sentido vasto e abrangente. A diferença fundamental é que o Homem passou a ser um dos componentes e não o actor para quem se elaborou o cenário, o palco e o teatro. Tal como actualmente o concebemos, o Ambiente é o conjunto de todos os elementos da natureza física, química e biológica que constituem os fundamentos naturais do Mundo em que vivemos, assim como o conjunto dos factores sociológicos, históricos, culturais, filosóficos, morais e políticos que resultam da evolução da sociedade humana e determinam o comportamento individual e colectivo de cada Homem vivendo em Sociedade.

A integração das componentes naturais e das resultantes da actividade cultural do Homem elaborada ao longo dos séculos da sua existência e do seu crescente «domínio» sobre a Terra, resulta assim aceite, o que significa um grande passo em frente na compreensão do nosso Ambiente. Já não será mais possível desligar, nos nossos conceitos, tudo aquilo que o Homem como autor foi incluindo, ou modificando, no quadro natural de que é parte integrante e peça fundamental.

A cultura, no seu sentido mais amplo, que resultou deste encontro dialéctico entre o Homem e o seu meio, onde em cada instante surgem alterações naturais e alterações introduzidas pelo próprio Homem resultantes das experiências adquiridas e tentadas por este ao longo dos séculos da sua existência, é uma cultura que se exprime fisicamente, em cada momento, através da paisagem onde o Homem se movimenta e, espiritualmente, através da evolução dos sistemas de valores que informam os comportamentos humanos. Este nosso conceito de Cultura não é, evidentemente, aquele que exprime um certo sentido erudito do saber da Humanidade, mas sim, aquele que exprime o saber do Homem todo e de todos os Homens, acumulado ao longo dos séculos, através dos êxitos e das derrotas, das experiências e das revelações intuitivas.

Um dos temas mais controversos no âmbito da Biologia e da Sociologia modernas é, exactamente, o da origem dos valores que justificam os nossos comportamentos básicos e os seus derivados. Certas escolas contrapõem à origem cultural desses comportamentos uma outra exclusivamente dependente da hereditariedade genéticas. Significa esta hipótese que a sublimação ética de certos comportamentos não passa apenas da sublimação de pulsões geneticamente determinados, seleccionadas ao longo de milénios, que, pelos seus efeitos, para além de caracterizar o Homem como espécie única, o salvaguardaram do seu desaparecimento em competição com outras espécies fisicamente mais fortes.

A cultura e a ética seriam produtos ou expressões da actividade genética, nelas determinantes e a transmissão oral, escrita ou gestual, dessa mesma cultura, eram efeitos secundários adquiridos, que garantem ao Homem a sua sobrevivência específica, por isso importantes, mesmo decisivos.

Não podemos diminuir a importância genética na determinação das nossas decisões, sobretudo a sua carga de milénios, seleccionada até e depois do surgimento do «homo sapiens», mas há que revelar a importância de toda a experiência consciente adquirida ao longo de séculos e milénios, tudo aquilo que foi constituindo o património cultural da humanidade. Esse património tem, entre outras, uma característica fundamental: a de se questionar permanentemente, de modo a ser possível uma cada vez melhor adequação entre o funcionamento do grupo social e o enquadramento físico-natural de que esse grupo social faz parte e com o qual interactua.

A evolução dos sistemas naturais implica que se reconheça a necessidade permanente de mudança, sem o que a própria vida deixa de ser possível, e que essa mudança se realize através da selecção natural de alterações livres e de opções livres que garantam uma permanente harmonia entre os factores que constituem aqueles sistemas, dos quais o mais complexo é a própria Humanidade.

A forma como se transmite a informação, quer genética, quer cultural, não é nem material nem energética, se bem que para essa transmissão seja indispensável a matéria e a energia. Todo o problema se resume, talvez, na garantia do mais elevado grau de liberdade nessa transmissão, garantindo o máximo de eficácia.

Os sistemas de valores que asseguram a coerência dos grupos sociais humanos são sistemas informativos, pelo que se incluem, particularmente quando nos referimos à sua transmissão, no grupo que requer o maior grau da garantia que acabamos de referir.

A educação, sob todas as suas formas, é o processo de transmissão activa de informação capaz de libertar, na medida das capacidades genéticas e culturais, quer do indivíduo, quer do grupo social, todas as potencialidades contidas em cada indivíduo. Contudo, esta forma de libertação do que cada indivíduo contém em si está condicionada pelo tempo e pelo modo como este se integra na rede complexa, constituída pelo grupo social, o quadro natural, o mundo e o universo.

A informação que circula na sociedade humana tende a manter cada indivíduo bem integrado no grupo social, por isso, está organizada em sistemas de valores elaborados ao longo da História. Este sistemas de valores, que reflectem o património cultural do grupo ou da humanidade e que exprimem, em cada momento, a resultante dos vectores representativos dos impulsos inatos e dos conhecimentos adquiridos, são extremamente conservativos.

Em qualquer sistema biológico os factores positivos, «úteis», tendem a manter-se, havendo sempre fenómenos de «ensaio crítico» e, na maior parte dos casos, de rejeição às inovações, aos novos arranjos genéticos, às mutações. Os sistemas culturais funcionam de modo semelhante, particularmente em relação aos valores que mantêm a coesão dos grupos sociais e que são transmissíveis pela educação sob todas as suas formas, familiar, escolar,

LEONOR, 7 ANOS
1964

comunicação social, religião, literatura, etc.

Na realidade cabe a esta última, sobretudo se orientada para o público infantil, uma larga responsabilidade na transmissão das ideias e dos valores que vão ajudar a construir um homem acomodado, ou um indivíduo que se interroga e que interroga o meio social, aumentando o grau de liberdade disponível para o sistema e as alternativas a testar.

Todo o pensamento ocidental, sobretudo nos dois últimos séculos, se orientou no sentido de aceitar como verdade absoluta que ao Homem tudo é permitido fazer desde que a sua ciência e a sua técnica se fossem sucessivamente aperfeiçoando. Mais ainda, que o próprio Homem é um ser para além da Natureza, colocada esta exclusivamente ao seu serviço. O Homem não estaria submetido às leis naturais, podendo sobrepor-se-lhe pela sua inteligência. Na sua ânsia de usar indiscriminadamente os recursos naturais, o Homem chegou a situações tais de usura tão próximas da ruptura, que hoje se vê confrontado com a consequência dos seus actos e começa a ficar preocupado.

Todas estas convicções foram-se cimentando e transmitindo através do ensino escolar, das histórias que nos contarm, dos livros que lemos, das emissões radiofónicas e televisivas que ouvimos e que vimos.

Ensinou-nos, também, a aceitar a observação parcial do real como se esta pudesse representar o todo, não nos levando a ser humildes perante o nosso saber que dificilmente se adapta à consideração da forçada e permanente interacção de todos os elementos do universo. Esta impossibilidade de elaborar e conhecer a rede intrincada dos conjuntos estruturados que constituiem o nosso ambiente tem-nos levado sempre a considerar, como valores absolutos, os conhecimentos parcelares da realidade que gradualmente vamos adquirindo.

O facto mais importante é assumir a relatividade do próprio Homem. Este, como ser vivo, é um elemento de um vasto conjunto integrado de que não pode isolar-se e a possibilidade de se reconhecer como reflexo da realidade não lhe dá o direito de tentar alterar essa realidade introduzindo elementos de desordem no sistema que acelerem a sua própria entropia.

A criança é um ser ávido de aprender e a aprendizagem é-lhe tão importante para a vida como a alimentação. É necessário, pois, que aquela não seja envenenada ou contaminada, pois, como a comida, pode levar à morte. A criança aprende facilmente o sentido da união solidária. Não lhe ensinemos o Mundo como obra acabada, mas como uma construção que todos temos de continuar e que a falta de um simples parafuso, ou a má colocação de um tijolo pode pôr em causa todo o edifício.

Uma visão sistémica do Mundo é urgente que seja ensinada e aprendida, mas esta visão deve ser resultante de uma vivência com a realidade mutável que nos rodeia, sendo essa mutabilidade uma propriedade fundamental de todas as coisas, todos os sistemas e, como não podia deixar de ser, de todos os seres vivos, de todos os Homens. Esta visão não será, no entanto, criadora sem que se dê asas à imaginação. Sem esta o Homem não poderá ser ainda mais Homem, ser excepcional (apesar de tudo) de quem depende exclusivamente a sobrevivência da biostera e do próprio planeta.

A viabilidade da existência das gerações futuras está nas nossas mãos e àqueles que têm a vocação de ser mensageiros apenas peço que, como Mercúrio, tenham asas na cabeça e nos pés para que nos elevemos e saibamos procurar a nossa verdadeira dimensão.

Desta tentação de transformar a parte no todo e fazer dela um valor resultaram muitos dos males ambientais que hoje nos afligem.

A responsabilidade enorme que cada geração assume na transmissão à que se lhe segue, do seu saber e das suas crenças, ainda não foi claramente assumida por cada um de nós. Um dos factos que mais agrava esta responsabilidade é o de que as consequências do que se transmite vão recair na geração que aprende e, raramente, na que ensina.

A amargura que sentimos e as graves preocupações ambientais que nos afectam só poderão ser ultrpassadas com êxito se conseguirmos transmitir às gerações que nos vão suceder a ideia do verdadeiro lugar do Homem no universo, já não mais o lugar central mas um dos pontos de reflexão em que a matéria se reconhece a si própria e que, como qualquer ser vivo, está submetido às leis universais que tornam possível a nossa existência.

É indispensável que se assuma esta atitude humilde e sábia para que a geração a que muitos de nós pertence e que detém o poder de intervenção a todos os níveis na sociedade não deixe às gerações que virão depois de nós um mundo onde a vida seja impossível.

Cabe aqui uma enorme responsabilidade aos transmissores da mensagem. É necessário que não se dê nunca ao receptor a ideia de que somos donos da verdade. É necessário que este crie e aperfeiçoe um sentido crítico que se baseie em factos e em novos dados aprendidos, dando a estes a relatividade que eles sempre possuem.

NÁPOLES AINDA DESENCONTRADA

UM PEQUENO GRUPO DO IAC ESTEVE, EM DEZEMBRO ÚLTIMO, EM NÁPOLES, UMA GRANDE CIDADE DO SUL DA ITÁLIA, ONDE, A PAR DOS RESULTADOS DE UMA OBRA COM 40 ANOS, VIU COMO, AINDA HOJE, A CRIANÇA É USADA PELA SUA PRÓPRIA FAMÍLIA.

A obra é a de um padre católico, Don Mário Bonelli, e tem uma importância que ultrapassa a simplicidade dos meios de que dispunha. Numa igreja abandonada desta cidade a 200 quilómetros de Roma, Don Mário, lado a lado com grupos de crianças, inicia uma abordagem cujos laços fortes acabaram por apoiar uma parcela da população.

Em 1950, cerca de 50 mil crianças não tinham escolas para frequentar, o nível de desemprego era muito elevado e as condições de habitação eram degradantes.

O Projecto de Mário Bonelli, hoje já com sede própria — o Centro Comunitário Materdei — cresceu e diversificou a sua área-objecto de acção.

O trabalho que se realiza pretende ocupar grupos de jovens, mulheres, idosos, cidadãos em geral de toda uma comunidade — e crianças, para as quais a atenção é sempre especial.

Por outro lado, se as crianças, também em Nápoles, exerciam nos anos 50 actividades remuneradas em situação de grande exploração, hoje desfrutam de uma segurança familar forte, mas que é fruto do que significam no seio das suas famílias.

UM OUTRO "VALOR" DA CRIANÇA

De facto, a "alta delinquência" italiana percebeu que pela utilização de menores teria facilitado, por exemplo, o comércio de estupefacientes. Com esta importância económica, as crianças passam a ter um estatuto de "grande valor" para as suas famílias, que acabam por auferir hoje pelas actividades ilícitas dos seus filhos grandes somas.

Três elementos portugueses do Projecto de Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou Situação de Marginalidade, durante uma semana, tiveram oportunidade de observar, debater e viver a situação de criança no mundo em geral, e em Nápoles em particular.

IV ENCONTRO NACIONAL DE LUDOTECAS

REALIZOU-SE em Oeiras, nos dias 10, 11 e 12 de Dezembro de 1990, o IV Encontro Nacional de Ludotecas, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras, e no qual participaram cerca de 300 pessoas de todas as regiões do país.

Foram objectivos deste Encontro: criar um espaço de reflexão e diálogo sobre a importância do brincar e sobre as experiências que se estão já a desenvolver por todo o país, avaliar a extensão destas experiências e a sua importância no desenvolvimento das crianças; encontrar uma linguagem comum e uma identidade que defina os espaços lúdicos; sensibilizar as instituições vocacionadas para apoiar este tipo de equipamentos.

A riqueza do conteúdo das comunicações apresentadas tanto pelos oradores convidados como pelos vários participantes, assim como a qualidade das intervenções nos debates garantiram a conctretização dos objectivos previstos, tendo sido abordados os seguintes temas: "O Brincar e o Brinquedo e o 'Crescer' da Criança"; "A Ludoteca e a Comunidade — a nível urbano; a nível rural; na área das animações"; "Espaços de Aventura — novas necessidades do urbanismo, novas respostas"; "Brincar, Descobrir e Aprender — diálogo com a escola; diálogo na escola; diálogo com a educação especial"; "Investigação/Formação"; "O Futuro das Ludotecas — o papel das instituições de apoio".

Das experiências apresentadas, sao de salientar alguns aspectos focados durante o Encontro, tais como a dinâmica dos espaços lúdicos já em funcionamento, a valorização do brinquedo tradicional e as diversas animações de carácter lúdico envolvendo as comunidades.

Brincar é importante para crescer, conhecer, compreender, sonhar, inventar, descobrir, estar com os outros e com nós mesmos. É importante para a criança e é importante para o adulto.

Um povo que joga, um povo que brinca produz cidades saudáveis onde se torna possível viver num espaço de festa, onde o jogo, o desporto, a vertente alegre de uma comunidade são manifestações da sua cultura e do seu desenvolvimento cultural.

Por isso é urgente reflectir sobre a dimensão lúdica da vida e a criação de condições para que esta se desenvolva plenamente. O IV Encontro Nacional de Ludotecas foi um primeiro passo neste sentido.

DESAS
Câmara Municipal de Oeiras

PLANO DE ACTIVIDADES DO IAC PARA 1991

MANTER, intensificar e melhorar as actividades existentes e alargar o âmbito do Instituto, por forma a desempenhar com cada vez mais responsabilidade e intensidade o seu papel de Provedor da Criança — são algumas das linhas orientadoras do Plano do IAC para 1991.

Embora de forma sucinta, damos aqui conta dos principais pontos em que irá assentar a nossa actividade, que equacionaremos ao nível das suas vertentes teórica e prática.

Dentro dos diferentes **Grupos de Trabalho** em que se dividem as áreas de organização do IAC, destacamos, em primeiro lugar, a **Actividade lúdica e animação,** cujos objectivos são garantir a continuidade da acção que visa o Direito de Brincar, ampliar os programas de intervenção e aperfeiçoar os modelos de respostas e a extensão dos planos até 93, nas áreas da formação e da investigação, servidos pelas seguintes estratégias: organizar cursos, seminários, oficinas, jornadas e encontros; apoiar projectos; divulgação de documentação nas áreas do atendimento, da cooperação com entidades nacionais e estrangeiras e na representatividade em associações, movimentos e iniciativas ligadas à actividade lúdica a nível nacional e internacional.

No campo das **Publicações,** são os seguintes os títulos de esperamos editar: *Actividades Expressivas*, de Raimundo Dinello; *O Jogo Infantil (Organização das Ludotecas)*, de Maria de Borja Solé; Cadernos IAC: *Problemas Ético Jurídicos da Procriação Artificial*, de Ramos de Almeida; *Aspectos Psicopedagógicos das Ludotecas*, de Arquimedes Silva Santos; *Os Direitos da Criança ao Desporto*, de Carlos Neto; *Actividade Lúdica*, de Natália Pais; *V Congresso Internacional de Ludotecas — A participação portuguesa*; e, de dois em dois meses, o *Boletim do IAC*.

Na área das **Crianças maltratadas e negligenciadas,** após a concretização de um documento que potencia a articulação entre tribunais e hospitais, prevê-se a participação, este ano, no congresso internacional sobre maus tratos e negligências referentes a crianças, em Chicago.

Com intervenção no Bairro de Santa Maria de Urmeira, as **Acções coordenadas em bairros degradados** procurarão resolver problemas sociais, colaborar com as instituições escolares e de saúde e consciencializar os pais, para o que irão incentivar a articulação dos organismos oficiais e particulares que actuam no bairro, facilitar a comunicação inter-institucional, promover acções que estimulem a auto-estima individual e colectiva, por meio da participação nas reuniões interserviços, com o objectivo de elaborar um projecto conjunto, do apoio aos médicos, da coordenação das actividades de tempos livres a realizar nas escolas, animações de bairro, parque de aventuras, proporcionando locais de encontros e trocas de experiências com mães com filhos bebés.

Um grupo de trabalho para a **Humanização dos Hospitais** foi entretanto constituído, por forma a criar e dinamizar grupos de humanização em vários hospitais do país.

O **SOS Criança,** que completou dois anos de existência em Novembro passado, irá prosseguir os seus objectivos, insistindo na metodologia de acção até agora posta em prática, já com resultados animadores. Este ano está prevista a informatização dos apelos recebidos e dos recursos da comunidade, bem como a colocação à disposição dos utentes de um apartado. Inovador no nosso país é o já criado e este ano a desenvolver serviço de apoio e acompanhamento às famílias. O SOS Criança continuará a ter a necessária divulgação por meio de spots televisivos.

Abordagem, transição e integração serão as três fases em que irá desenvolver-se o **Trabalho de Rua com Crianças em Risco ou Situação de Marginalidade,** com particular incidência na relação família-escola instituições. Para além de estarem perspectivados seis fins-de-semana com crianças e de convívio com as famílias, serão postas em prática acções de visibilidade do projecto, acções relativas ao trabalho em rede, acções de planificação-avaliação-coordenação, acompanhadas de formação de pessoal, da avaliação do trabalho por equipas especializadas e da organização global.

A participação do IAC nas **ONG (Organizações Não Governamentais)** tem como principal objectivo privilegiar o desenvolvimento de uma rede alargada de contactos com organizações nacionais e estrangeiras e, designadamente, favorecer o intercâmbio com os PALOP. (Ver artigo ao lado).

As **acções de formação e informação** e sensibilização continuam a ser uma preocupação do Instituto, que para tanto prosseguirá na formação de técnicos para cada área de actividade.

O IAC elaborou um relatório das suas actividades para 91, que pormenoriza os aspectos aqui sinteticamente enunciados.

O QUE SÃO AS ONG?

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS QUE NÃO FORAM CRIADAS POR VIA DE ACORDOS INTERGOVERNAMENTAIS, AS ONG (ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS) ABORDAM O PROBLEMA DO SUBDESENVOLVIMENTO NOS SEUS MAIS VARIADOS ASPECTOS E ACTUAM EM ÁREAS COMO EDUCAÇÃO, CULTURA, COOPERAÇÃO, POLÍTICA, SAÚDE, TECNOLOGIA, DESENVOLVIMENTO.

O Conselho Económico e Social foi habilitado pela Carta das Nações Unidas (artigo 71º) para estabelecer relações com este tipo de organismos, que, dispondo de pequenos orçamentos, actuam com eficácia, uma vez que exercem um efeito catalisador na sociedade civil, através da influência na definição das políticas nacionais de desenvolvimento e na sensibilização da opinião pública.

O objectivo das ONG é formar organizações sociais fortes, cujo papel será interferir nos "macroproblemas" partindo das suas "microexperiências".

Na área específica dos problemas da infância em Portugal, o IAC pauta a sua orientação para fins que se enquadram nas linhas de acção das ONG, e daí figurar na lista das ONG portuguesas, através das quais é também possível dar voz à definição de uma política global de protecção à criança. Neste contexto, de resto, procura o IAC desenvolver uma rede alargada de contactos com entidades nacionais e estrangeiras, ao mesmo tempo que estabelece um intercâmbio com os países da CEE, da América Latina e com os PALOP, fomentando com estes uma troca de experiências e acções.

Financiar instituições que apoiem o sector não governamental, alargar o espaço político, económico e social da acção não governamental, no sentido de promover uma legislação especial que reforce o direito associativo, e promover a criação de associações de desenvolvimento que integrem outras entidades — empresas, igrejas, universidades — são medidas necessárias para reforçar e profissionalizar as ONG.

Um contributo importante para concretizar estes objectivos é dado pela Comunidade Económica Europeia, apoiando financeiramente projectos que lhe são presentes, que conta, por sua vez, com a colaboração das ONG, nomeadamente na elaboração de programas de educação no Terceiro Mundo. A relação de cooperação entre a CEE e as ONG é feita através do Comité de Liaison des ONG pour le Developpement auprès des Communautés Européennes, de que fazem parte um representante de cada estado-membro da Comunidade, eleito pelas reuniões nacionais das ONG.

NOTÍCIAS

O IAC PRESENTE

Seminários e encontros:
IV Encontro Nacional de Ludotecas, em Oeiras, Dezembro de 1990, dra. Natália Pais e prof.ª Pilar Ribeiro.
Defence for Children International, Madrid, dra. Aurora Fonseca (15 e 16-11-90).
Vouloir l'Europe: des savoires et des hommes, Rennes, dra. Manuela Eanes e dra Celeste Porto (22, 23 e 24-11-90).
Fórum Excepção, *Sobredotados: um recurso humano que não podemos desperdiçar*, dra. Manuela Eanes (11-12-90).
Seminário do Serviço de Assistência da Ordem de Malta-SAOM (12 a 14-12-90).
Jovens e os anos 90 — que futuro?, Confederação Nacional de Família, dra. Manuela Eanes (30-11-90).
As mulheres e a sida, dra. Manuela Eanes (30-11-90).
1.º Forum da Cooperação e da Solidariedade, AMI, intervenção da dra. Manuela Eanes no painel "Para uma Europa humanitária e da solidariedade" (15 a 18-12-90).
Seminário dos Sem Abrigo, dra. Manuela Eanes, promovido pela Feantsa com o apoio do SAOM (12 a 14-12-90).

Na comunicação social:
Eterno Feminino, 10-12-90, 17-18.30 h, dra. Manuela Eanes, sobre o IAC.
Encontro no Chiado, Rádio Renascença, 23-12-90, dra. Manuela Eanes: o IAC.
Na Rádio Geste, comentário sobre a situação da criança em Portugal (19-12-90), dra. Manuela Eanes.

LITERATURA INFANTIL EM DEBATE

A Associação de Ludotecas do Porto promoveu, em Janeiro, com orientação da Prof.ª Dr.ª Maria Emília Traça — que prepara uma tese de doutoramento em Literatura Portuguesa sobre os Contos Populares Portugueses —, a iniciativa que deu voz a uma ideia geral: "A Literatura Infantil e Juvenil".

Três temas foram apresentados neste encontro, que abarcaram a visão global da problemática da literatura infantil e juvenil, o seu passado e o seu presente em Portugal e, por último, a relação criança-livro com o adulto como mediador.

PUBLICAÇÕES

Publicar é também uma forma de comunicar. Ao divulgarmos os nossos títulos, lembramos que parte das nossas edições se encontram à venda nas livrarias, distribuídas pela Audil.

Todas as nossas edições, porém, podem ser adquiridas directamente na nossa sede, neste caso com desconto.

BOLETIM DO IAC (consulte-nos sobre as condições de assinatura).
CRIANÇA PORTUGUESA: QUE ACOLHIMENTO?
ACTAS DO ENCONTRO DO TRABALHO COM AMAS
GUIA DOS DIREITOS DA CRIANÇA
CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA (Cadernos IAC, nº 1)
O BOSQUE MÍNIMO — DEZ ANOS DE ENCONTROS DE LITERATURA INFANTIL DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULVENKIAN (Cadernos IAC nº 2)

ELEIÇÕES NO IAC

Em Março, realizaram-se as eleições para os órgãos sociais do IAC. As funções de presidente do Conselho Coordenador, desempenhadas desde a criação do Instituto por Manuela Eanes, serão, no biénio 1991-92, exercidas por Natália Pais, em resultado das eleições e da decisão da presidente cessante de — considerando vantajosa a rotatividade dos membros dos órgãos sociais — não aceitar ser reconduzida enquanto não for feita a revisão dos Estatutos.

Os restantes membros eleitos são Coroliano Ferreira, presidente da Assembleia Geral; Alberto Machado, presidente do Conselho Fiscal; Manuela Nogueira, secretária-geral; Celeste Porto, presidente da Comissão Executiva, e como presidente do Conselho Técnico, Manuela Eanes.

GRANDE EXPOSIÇÃO PARA CRIANÇAS

Vem sentir o corpo / no espaço que fica e no tempo que passa. / O movimento do corpo / no espaço sem forma, no tempo sem data. É assim que se começa a dizer da exposição temática para crianças, organizada pelo ACARTE e pelo Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.

"A Aventura do Corpo: no Tempo e no Espaço" é o tema. Um tempo que começou em Janeiro e vai até Junho e um espaço já com muita história e com tantas histórias inventadas — o Centro Artístico Infantil.

Estão programadas visitas (que carecem de marcação) de crianças e de adultos em grupo, ou acompanhadas de familiares, em dias diferentes, sessões complementares à formação de monitores e ainda ateliers experimentais e acções de formação para adultos. Um elucidativo cartaz foi editado, para orientação dos interessados.